

¿É a mim, virgem louca,
É a mim que sorris?

¿A mim que abres os braços, dás a bôca,

Diriges esperanças de amizade,
Promessas de confôrto?

Eu não mereço a tua mocidade!

Desisti de sonhar com ser feliz.

Não te venhas meter no meu caixão de morto,

Roubar-me o único bem com que me engano,

Última ilusão que quero:

Aquêlê desesperô sobrehumano

No qual ainda espero.

por

José Régia.

POEMA dum dia de sol

Hoje o radioso dia é uma sinfonia de sol. Trasborda das coisas tôdas, escorre das árvores nuas, das casas moribundas, das casas suntuosas. Mancha tudo de amarelo. O céu está mais azul, a brisa é fresca e suave. Todo o ar respira uma alegria sã. Passam erianças em grupos, tagarelando, ruas fora. Saem da escola. Trocaram as prisões de madeira pelas correrias loucas e febris. Um automóvel passa, e grita o seu valor em dez buzinas. A fábrica, em frente, ruge continuamente como uma cascata da selva tropical. Os pardais chilreiam nas árvores despidas. Inda não é primavera. É que a beleza não está na primavera, mas neste sol brilhante, neste céu azul, nesta brisa fresca. Chinelinhas desdenhosas passam a cada momento tocando xilofone no cimento dos passeios. No lago de águas verdes as águas enrugam levemente ao sabor da brisa, e os patos, em fileira, dão a volta ao seu mundo. Também os homens passam a vida dando voltas ao seu mundo. Mas cada homem tem mundos diferentes. Daí o Bem e o Mal. Nos bancos do jardim os cismadores cismam na beleza da vida ou na sua torpeza. Outros lêem,

descobrem mundos descobertos. E a fábrica, em frente, vai rugindo sempre, chiando, serrando, batendo. Lá em baixo, na estrada, os calceteiros cavam, e as pás lançam nos ares sons disformes, como quem serra a terra úmida. As árvores ondulam, dansam dansas rítmicas, balançadas pelos novos processos de gymnástica. Os homens copiam na dança o bailado das árvores. Agora vai passando, rua acima, uma mulher esbelta, escultural, quási pagã. Tem o rosto parado, a cabeça imóvel, segurando o cântaro de água. É serena exteriormente. Mas por dentro, lá no fundo, quantas mil coisas mesquinhas, imundas e pequeninas, se debatem em tropel!

Não. Hoje não descerei aos meus abismos. O escafandro não funciona. Há sol demais para acender as velas.

A aragem faz tombar as últimas fôlhas das árvores nuas. Elas caem, rolam, rebolam-se no chão, com volúpia extrema.

Assim também, no meu viver dia-a-dia, deixo por tôda a parte pedaços de mim mesmo, que o vento do destino vai levando.

André Valmar.